

Volume

1

MARILIACOUTINHO.COM

---

Corpo, Força e Movimento E-books



# Formolatria

MARILIACOUTINHO.COM

# Formolatria

A DESUMANIZAÇÃO DO CORPO HUMANO  
O QUE É, COMO IDENTIFICAR E COMO COMBATER PELO BEM DOS SEUS FILHOS,  
ALUNOS E VOCÊ MESMO

---

©mariliacoutinho.com

<http://www.mariliacoutinho.com>

Coutinho, M.

Formolatria / Marília Coutinho – 1ª edição – São Paulo, Brasil

Como citar: COUTINHO, M. *Formolatria*. São Paulo: Mariliacoutinho.com, 2013.

---

# Índice

|  |    |
|--|----|
| Introdução .....   | 4  |
| De onde vem a formolatria .....  | 4  |
| Formolatria e indústria da beleza .....  | 6  |
| Formolatria e (má) ciência.....  | 10 |
| Formolatria e desordens dismórficas.....   | 17 |
| Formolatria, opressão e violência: opressão de gênero,<br>racismo, pedofilia e exclusão de estéticas desviantes e<br>etárias ..... | 20 |
| Formolatria e sexo .....   | 27 |
| Formolatria, seus filhos e outras crianças: o que fazer.....   | 29 |
| Formolatria, seus pacientes e alunos: medicina e educação<br>física .....  | 29 |
| Formolatria e você .....   | 29 |
| Leia mais.....   | 31 |

---

## Introdução

*Like the Chapter Title Style above and the Chapter Subtitle you're reading, preset styles in Microsoft Word are just a few clicks away.*

**N**ão adianta procurar no dicionário: este termo não existia até eu inventá-lo, uns meses atrás. Eu o cunhei em resposta a uma pergunta feita por uma jornalista. Ela perguntava minha opinião sobre o que é chamado de “corpolatria”, um culto ao corpo que estaria subjacente à indústria da beleza, do fitness e da moda. Respondi que não acreditava num culto ao corpo, pois o corpo é concreto, individual e irreduzível a padrões. O que existe são os padrões em si, que são formas ideais. Estas formas ideais é que estavam sendo cultuadas. Daí “formolatria”: um culto à forma (ideal, não material ou concreta).

Porque a formolatria é a comoditização de algo por definição inexistente e inatingível, ela é desumanizante. Por ser desumanizante, faz muito mal à saúde humana. Portanto eu, que de hipócrita não tenho muito, não nego minha normatividade: a formolatria é “do mal”.

Este e-book é uma formalização do meu conceito de formolatria e um pequeno manual para o emprego do mesmo em seu favor. Espero munir você, leitor(a), com ferramentas para se defender da formolatria, construir ou reforçar uma representação saudável do seu próprio corpo, empoderar-se ao se apropriar disso que, no fundo é você (seu corpo), defender seus filhos, alunos e amigos, aumentar a dose de tolerância numa sociedade doente por intolerância e ajudar a combater uma das mais nefastas e perniciosas indústrias da economia de mercado contemporânea, pois não gera nada de útil ou proveitoso para a civilização.

Ambicioso: se eu alcançar uma fração milesimal destes objetivos, morro feliz. Então vamos lá.

### De onde vem a formolatria

A formolatria é um tipo de perversão: um desvio da versão de como deveria ser. E qual seria essa versão? Uma em que a forma e seu conteúdo fossem apenas recursos heurísticos para se falar de algo. Ou seja: não têm existência real. Tudo que tem forma, tem conteúdo e tudo que é conteúdo, tem alguma forma. Principalmente se for um corpo.

“Forma” é uma palavra que deriva do latim FORMA, que quer dizer molde, formato, recipiente e possivelmente está relacionada à palavra grega MORPHE, associada aos

## FORMOLATRIA

significados de aparência, beleza e forma. Forma é uma referência direta ao conteúdo. Um molde é molde para algo, um recipiente o é de algo que o preenche, uma aparência o é do que aparenta. É um conceito referente: não tem existência ou definição independente (como quase tudo).

A ênfase numa “boa forma”, numa aparência melhor, já contém, em si, uma proposta de separação entre coisas que não são separáveis: a forma de seu conteúdo. Até mesmo a expressão “isso tem uma aparência boa” contém um sub-texto de dúvida: “esta torta parece boa, mas não tenho como garantir que não esteja estragada”. Dizer que algo “parece bom” é muito diferente de afirmar que “é bom”.

A ênfase na forma de um corpo, portanto, é mais uma versão da alienação corporal, possivelmente a mais prejudicial. Alienar significa separar, afastar algo que pertence a alguém. Alienação corporal é a separação, impossível e imaginária, entre você e seu corpo (Coutinho, 2011). A manifestação fundamental da alienação corporal é a famosa “separação mente-corpo”. Naturalmente, ela não existe. A mente, ou as manifestações cognitivas e emocionais de uma pessoa, são tão “ela mesma” quanto sua pressão arterial ou função hepática. Para falar sobre algo, estudá-lo ou entendê-lo, criamos categorias de representação. Estas categorias não estão lá na realidade: estão na nossa cabeça. “O corpo” e “a mente” são representações que criamos para falar de um todo em que tudo é contínuo: o indivíduo.

No entanto, uma série de determinantes históricas e culturais criaram uma representação segundo a qual estes dois entes seriam independentes: corpo e mente. A sede do “eu” está na mente e o corpo é externo a ele. Dessa operação abstrata derivam várias outras falsas separações.

Chegamos à separação entre forma e conteúdo do corpo, entre forma e função e às oposições angustiantes entre estética e saúde.

Se o corpo pode ser separado do “eu”, então a forma pode ser abstraída e nesta operação, destilada uma forma ideal, que, por definição, é uma idéia e não matéria. Essa idéia é passível de padronização, normatização, demonização, e várias outras atribuições de valor. Finalmente, é passível de **comoditização**, ou seja: ser transformada num bem de consumo comprável.

Como tantos outros bens transformados em objeto de desejo incontrolável pelo marketing das grandes indústrias, a forma se torna obsessão.

Nasce a **formolatria**, o culto a uma forma ideal, a um ideal estético inatingível por definição, já que não pertence ao mundo das coisas, e sim ao das idéias desencarnadas (fig.1).

## FORMOLATRIA



Figura 1: *Nasce a formolatria*

O “homem ideal” é só uma idéia, a “mulher ideal” é só uma idéia, não lhe pertencem, não são uma obrigação e fazem mal à saúde. Como combater? É uma guerra de idéias: idéias se combatem com idéias

mais poderosas. Invista nelas.

## Formolatria e indústria da beleza

Acho seguro dizer que a forma contemporânea de obsessão estética, esta que eu nomeei formolatria, é produto do marketing da indústria da beleza. O que é a indústria da beleza?

A indústria da beleza, *stricto sensu*, são os ramos da indústria, comércio e serviço que compreendem os cosméticos, perfumes, cuidados com a pele e cabelos. Neste texto, a expressão tem um sentido mais abrangente. Por “indústria da beleza”, refiro-me aos setores econômicos que compreendem toda a ***produção de uma estética socialmente construída como bela***.

- A indústria da moda, compreendendo os ditames do vestuário socialmente qualificado e dos tipos de corpos que melhor preenchem este vestuário; adereços; calçados (figs. 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4);
- Setores da medicina ligados à estética: endocrinologia voltada ao emagrecimento, medicina esportiva que atende as demandas de modificação estética da composição corporal, cirurgia plástica estética, etc. (figs. 3.1, 3.2 e 3.3);



Figura 2.1 - Moda



Figura 2.2 - Moda



Figura 2.3 – Moda



Figura 2.4 – Moda



Figura 3.1 – Setores da medicina ligados à estética



Figura3.2 - Setores da medicina ligados à estética



Figura3.3 - Setores da medicina ligados à estética

- A indústria do fitness, que engloba os estabelecimentos que oferecem modalidades de treinamento para a modificação da composição e forma corporal voltada à estética, os sistemas de treinamento e/ou atividade física voltados para a modificação da forma física, etc. (figs 4.1, 4.2 e 4.2);
- A indústria farmacêutica: os produtos anorexígenos para emagrecimento estético, os produtos para embelezamento da pele, etc. (figs 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4)
- A indústria alimentícia: os alimentos diet voltados para o público interessado em estética (em oposição aos portadores de distúrbios metabólicos ou em busca de qualidade de vida) (fig. 6)
- A indústria da nutrição esportiva: boa parte da qual gera produtos menos para atletas e performance do que para emagrecimento e ganho de massa magra para objetivos estéticos de praticantes recreacionais (fig. 7)



Figura 4.1 – Indústria do fitness



Figura 4.2 - Indústria do fitness



Figura 4.3 - Indústria do fitness



Figura 4.4 - Indústria do fitness



Figura 5.1 – Indústria farmacêutica



Figura 5.2 - Indústria farmacêutica



Figura 5.3 – Indústria farmacêutica



Figura 5.4 – Indústria farmacêutica



Figura 6 – Indústria alimentícia



Figura 7 - A indústria da nutrição esportiva

- O mercado editorial da beleza: moda, dietas, cosmética e beleza em geral (figs 8.1, 8.2, 8.3 e 8.4)
- A indústria pornográfica mainstream: é uma espécie de forma destilada e essencial dos conceitos criados pela indústria da beleza. Criada exclusivamente para o consumo sexual (figs 9.1 e 9.2)



Figura 8.1 - O mercado editorial da beleza



Figura 8.2 - O mercado editorial da beleza



Figura 8.3 - O mercado editorial da beleza



Figura 8.4 - O mercado editorial da beleza



Figura 9.1 - A indústria pornográfica mainstream



Figura 9.2 - A indústria pornográfica mainstream

Existem levantamentos individuais sobre o crescimento e tamanho de cada uma em particular, mas é impossível estimar as dimensões econômicas da indústria da beleza na acepção abrangente apresentada aqui. É seguro sugerir alguns bilhões de dólares. Estima-se mais de 20 bilhões de dólares só em cosméticos.

O marketing deste segmento como um todo é dos mais sofisticados de toda a economia de mercado contemporânea. Os diversos públicos (primário, secundário), suas diversas linguagens e sub-culturas mobilizam exércitos de profissionais para uma publicidade digna da produção de todo um complexo cultural. Trata-se de criar dinamicamente, alimentar e inculcar um padrão de beleza, um sistema de avaliação e leitura estética e simultaneamente orientar atitudes e comportamentos. É preciso criar categorias, representações, modelos de situação, enfim: cercar, por todos os lados, culturas e sub-culturas.

Estas atitudes e comportamentos se manifestam em julgamentos, hábitos de consumo, decisões quanto ao próprio corpo (alimentares, de atividade física, de modificação corporal, etc), decisões profissionais, sexuais, e de relacionamento em geral, afinidades e rejeições (nos extremos da atração e agressão), preconceitos e aceitação, entre outros. Se você observar a lista, praticamente definem uma proporção assustadoramente grande do comportamento humano diário.

Ou seja: este complexo sofisticadíssimo de inculcação cultural controla as sociedades modernas. E tem que controlar: o tamanho gigantesco dos segmentos econômicos que dependem deste controle fazem com que assim o seja. Isto se chama PODER: para que estes segmentos assegurem sua continuidade e lucros, devem exercer o mais completo controle sobre a cultura que constroem e comandam (figs 10.1, 10.2, 10.3, 10.4 e 10.5).



Figura 10.1 – o marketing da indústria da beleza



Figura 10.2 – o marketing da indústria da beleza



Figura 10.3 – o marketing da indústria da beleza

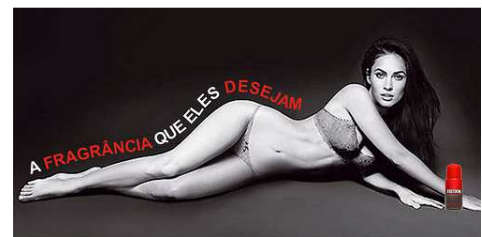


Figura 10.4 – o marketing da indústria da beleza



Figura 10.1 – o marketing da indústria da beleza

A existência de padrões de beleza é parte de qualquer cultura humana. Não há nada de negativo (nem positivo) nisso: é simplesmente uma faceta da existência cultural. O que eu problematizei neste texto foi a produção de padrões de beleza pela mais poderosa força desta sociedade em particular, caracterizada pela economia de mercado: a indústria da beleza.

A beleza que a maioria das pessoas em volta de você pode achar desejável é aquela que foi imposta por um complexo econômico que independe das suas vontades, desejos, história de vida, pulsões, paixões e necessidades. Foi criada exclusivamente pelo imperativo do lucro das indústrias deste segmento.

## **Formolatria e (má) ciência**

A formolatria tem seus sustentáculos intelectuais também. A maior parte deles adere de uma maneira ou de outra ao discurso da psicologia evolutiva. A psicologia evolutiva é a escola intelectual que mais ferozmente advoga o caráter inato, e não socialmente construído, do julgamento e apreciação da beleza.

Pesquisas bem financiadas com uma base de dados respeitável “demonstraram”, com igualmente respeitável certeza estatística, que a beleza existe “lá fora”, como algo concreto, próprio a uns e ausente em outros. Diante das críticas feitas por estudiosos de linhagens mais reflexivas da antropologia, da sociologia e mesmo da própria psicologia, os adeptos da psicologia evolutiva ofereceram “experimentos cruciais” (considerados como aqueles que eliminam uma determinada controvérsia).

As falhas metodológicas dos ditos experimentos não são muito difíceis de expor e alguns se tornaram escândalos de mídia.

Um dos mais radicais e claramente enviesado ideologicamente de seus proponentes é Satoshi Kanazawa. O autor sugere que a capacidade inata de julgar e apreciar beleza se expressa desde o nascimento e publicou um artigo com “dados” que confirmariam que crianças se comportam melhor sob os cuidados de babás mais atraentes do que sob os cuidados de babás feias. Este mesmo pseudo-cientista afirmou que negros são “biologicamente” menos bonitos do que brancos. É difícil levar alguém assim a sério.

Existem outros estudos mais perturbadores dessa famosa (e popular) escola intelectual. Um deles propõe que a atração “natural” dos homens por mulheres menos inteligentes (seja lá o que o grupo que pesquisou entenda como tal) é adaptativa: estaria codificado no genoma masculino escolher fêmeas de maior vulnerabilidade para oferecer sua proteção e garantir sua continuidade genética. Aos perplexos cientistas de verdade observando a popularidade deste ramo questionável de estudos pairam dúvidas sobre como não houve um questionamento imediato quanto à lógica de um argumento deste

tipo. Não parece que se algo fosse “natural”, seria a escolha da fêmea mais inteligente, mais forte e mais agressiva do bando, pois num grupo caçador-coletor seria ela a melhor candidata a garantir a continuidade genética daquele macho?

O mais curioso desta trajetória conservadora de biologização de tudo é que ela tende a negligenciar o fato óbvio de que ser “natural” não tem nenhuma relação com que algo seja positivo ou aceitável. Infanticídio, incesto, tortura – tudo isso é natural. Estupro também e canibalismo idem. Como ficamos?

Finalmente, há pelo menos um século é consenso que as categorias simbólicas que permitem o julgamento e apreciação do belo (ausente em animais incapazes de abstração) são, há milênios, socialmente construídas em nossa espécie, conforme condições inteiramente arbitrárias.

Má ciência sempre existiu. É a ciência praticada sem freios à serviço de uma determinada ideologia ou interesse econômico. A má ciência da psicologia evolutiva no caso da beleza humana, que resulta em afirmações racistas, misóginas, preconceituosas, excludentes e conservadoras está na mesma linha da eugenia nazista ou da “ciência do criacionismo” da direita cristã. Não deve ser levada a sério como interlocutor, mas deve ser seriamente combatida, pois é uma mentira fantasiada de verdade.

## Formolatria e desordens dismórficas

Observe atentamente os dois conjuntos de figuras abaixo:



Figura 11.1 - Irene Onteva



Figura 11.2 - Kate Moss



Figura 11.3 - Alessandra Ambrosio



Figura 12.1 – Anoréxica posando



Figura 12.2 – Anoréxica posando



Figura 12.3 – Anoréxica posando



Figura 12.4 – Anoréxica posando



Figura 12.5 – Anoréxica posando

A primeira seqüência (figs 11) são top models famosas. Nesta profissão, por exigência contratual, as mulheres devem ter um IMC extremamente baixo (de 18 para menos). De acordo com a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS), adultos com IMC menor que 18 são classificados como “adultos magros” e são o indicador oficial para as estatísticas de fome endêmica. Não parece muito complicado entender que, mesmo diante da inadequação do IMC para medir saúde, ele meça doença. Modelos são pessoas que sofrem risco de saúde permanente por manter-se no limiar da sarcopenia (depleção de massa magra), pois é impossível manter-se nos padrões exigidos pelos contratantes tendo uma quantidade mais substancial de músculo. No entanto, ainda assim podem levar vidas saudáveis (com cuidado).

As figuras 12 são de portadoras de uma das mais sérias disordens dismórficas conhecidas: a anorexia nervosa. Escolhi imagens onde estas pacientes se exibem (ou de fato são, por perversões do mercado) como modelos de moda.

A distância entre as primeiras imagens, de modelos “saudáveis”, e as últimas, de mulheres em estado de terminalidade, vitimadas por uma seríssima disordem dismórfica, é apenas de alguns graus.

A anorexia é uma séria disordem psiquiátrica. No entanto, como tantas outras, ela tem uma história cultural. É uma doença da modernidade. Embora sempre deva ter existido de uma maneira ou de outra, talvez como manifestação rara, hoje ela adquiriu alarmantes proporções. A National Association of Anorexia Nervosa and Associated Disorders (ANAD) relata que a anorexia nervosa é a terceira doença mais comum entre adolescentes, que a taxa de mortalidade desta disordem é 12 vezes maior do que a de qualquer outra causa de morte para mulheres entre 15 e 24 anos e que metade das garotas e um terço dos garotos da pesquisa realizada confirmaram utilizar métodos

não-saudáveis para perder peso. Dados mais alarmantes da mesma pesquisa desta associação mostram que 47% das garotas entre a 5ª e a 12ª série (sistema americano) queriam perder peso por causa de fotos de revistas e que 69% afirmaram que seu ideal de um corpo perfeito é derivado destas mesmas fotos (Collins 1991 e Mellin et al 1991).

Formolatria mata, e não mata pouco.

## **Formolatria, opressão e violência: opressão de gênero, racismo, pedofilia e exclusão de estéticas desviantes e etárias**

A formolatria é opressiva a homens e mulheres. Ela é um fenômeno da economia de mercado que produz doença, infelicidade e violência na sociedade, como um todo. Ela gera insatisfação e erosão da qualidade de vida tanto para a mulher que se norteia pela moça digital sempre jovem de enormes seios, cintura fina, lábios carnudos e bundão como para o homem que busca o inatingível ideal do outdoor photoshopado de desodorante ou cueca exibindo o moço bronzeado sequinho, alto e longilíneo.

A forma da mulher e homem ideal, por serem um conceito de comoditização, fixam elementos de raça, antropometria, idade, entre outros atributos. Assim, a massa da população humana mundial tem como parâmetro de beleza algo de que terá mais de 90% de chance de desviar muito, alguma chance de desviar bastante, e pouquíssima chance de desviar minimamente.

A formolatria, por suas relações promiscuas com a indústria pornográfica, dissemina uma estética contaminada por uma sexualidade vulgar, comercial e degradante, ainda que em graus variados de manifestação. Já vimos um dos efeitos destrutivos da formolatria sobre crianças e adolescentes, que é a anorexia.

O outro efeito é a sexualização adulta precoce e a pedofilia. Crianças são vítimas mais fáceis da publicidade do que adultos. Elas rapidamente “compram” a estética adulta da formolatria. Meninas e meninos buscam ajustar-se a esta forma ideal tanto quanto os adultos. Meninas se expõem como objetos de admiração pedófila através de vestimenta, gestual e comportamento de risco. Meninos buscam o uso de esteróides anabolizantes no desespero de produzir os corpos masculinos idealizados. A indústria da pedofilia cresce às custas de ambos (figs 13.1, 13.2, 13.3 e 13.4).



Figura 13.1. – A sexualização adulta precoce e a pedofilia



Figura 13.2. – A sexualização adulta precoce e a pedofilia



Figura 13.3. – A sexualização adulta precoce e a pedofilia



Figura 13.4. – A sexualização adulta precoce e a pedofilia

As pessoas acima (ou que pareçam acima) de seus 25 anos estão fora do padrão. Para os marqueteiros da formolatria e seus pseudo-cientistas, são feios. Bilhões de homens e mulheres condenados a um espelho que os desqualifica e reprova, que ridiculariza a

menospreza sua sexualidade e que, enfim, os sacrifica à não-corporalidade. Se seu corpo é feio, não atraente e de maneira geral inadequado, sua única forma possível de existência é a “essencial”. Num jogo perverso com a própria formolatria que impõe uma idéia desencarnada como meta universal, o homem e mulher mais velhos devem se desencarnar e se tornar “essência”, idéia. Talvez, mesmo, morrer.

Veja as imagens abaixo (figs 14.1, 14.2, 14.3, 14.4, 14.5 e 14.6). Você vê beleza nestes homens e mulheres? Se você chegou até aqui, provavelmente vê. Eles também vêem: são pessoas especiais, que já mergulharam na crítica à formolatria e sobreviveram ao seu poder destrutivo. E os bilhões que não têm os recursos culturais, educacionais e emocionais para isso?

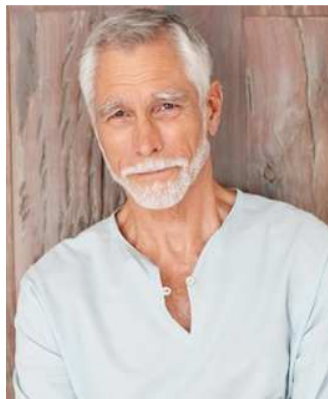


Figura 14.1. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica



Figura 14.2. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica



Figura 14.3. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica



Figura 14.4. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica



Figura 14.5. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica



Figura 14.6. – Pessoas acima da faixa etária “permitida” para a beleza formolátrica

A formolatria é racista (figs 15.1, 15.2, 15.3, 15.4 e 15.5). Como afirma nosso pseudo-cientista default, Satoshi Kanazawa, negros são menos atraentes que brancos. Do teclado de um racista misógino escudado por um título acadêmico, isso causa apenas revolta e desprezo. Observe, no entanto, a mídia formolátrica: o sub-texto de suas imagens é idêntico. Negros e negras podem até ser “bonitinhos”, desde que aproximados, de alguma maneira, da “aparência” ariana. Alisando o cabelo, já melhora. Narizes mais finos, corpos longilíneos, idem. “Caucasianei-se, negro, e você se torna um pouco mais aceitável”, diz a formolatria.



Figura 15.1. – A formolatria é racista



Figura 15.1. – A formolatria é racista



Figura 15.1. – A formolatria é racista



Figura 15.1. – A formolatria é racista

A formolatria é machista. Toda a insegurança, angústia e mal estar causados pela inatingível imagem do homem ideal nos homens pode ser multiplicada por dez e teremos uma aproximação do seu efeito devastador sobre as mulheres.

Não é nenhuma revelação inédita que o principal cliente da indústria da beleza é a mulher. É quem mais compra os produtos e serviços oferecidos por ela, quem mais

gasta dinheiro em cirurgia estética, em produtos cosméticos e mesmo em treinamento estético.

Os motivos não diferem, em essência, dos que exercem igual coerção sobre todos os demais consumidores da forma estereotipada. No entanto, as mulheres têm particularidades (assim como as crianças, os idosos, as pessoas de outras etnias, etc). O consumo muito maior de produtos e serviços de beleza por mulheres não tem relação com alguma atração “inata” pelo mesmo, e sim responde pelo imperativo de se ajustar à expectativa social. Enquanto a escolha do par masculino, num casal, enfatiza itens como sucesso financeiro, segurança, assertividade e força, a escolha do par feminino impõe uma ênfase desproporcional na beleza. Qual beleza? A beleza estereotipada imposta pela formolatria.

A busca frenética por esta adequação é ainda afinada pela pressão pelo “pareamento”. A condição solteira ou desacompanhada ainda é, em pleno século XXI, um atributo negativo. As mulheres vivem, desde a adolescência, sob a pressão difusa de encontrar e manter um par a todo custo. O par é uma espécie de atestado de valor. Uma mulher sem seu homem é uma mulher sem certificação. Afinal, ela é feia demais? Lésbica? Velha? O que há de errado com ela para que ela não tenha um namorado, marido, noivo ou seja lá a etiqueta que se atribua ao par masculino?

Percepções difusas, disseminadas pela mesma mídia que cria e mantém a formolatria induzem as mulheres a buscar alternativas estéticas para otimizar suas chances de obter e manter seu par masculino. “Homens preferem as loiras”. Isso basta para gerar um consumo gigantesco por tintura, descolorante e serviços de salão de beleza para transformar as morenas em loiras. “Está provado que homens preferem as peitudas”. Corrida às clínicas de cirurgia estética para implante de próteses de silicone, mesmo diante dos fatos divulgados quanto à perda de sensibilidade erógena nos mamilos, em maior ou menor grau, causada por este procedimento.

Mulheres que desviem bastante do padrão formolátrico sofrem não apenas perdas em sua auto-estima, sexualidade e vida social, mas substantivas perdas profissionais. Vários estudos mostram que a aparência é, cada vez mais, um item crítico nas contratações para funções onde supostamente ela não deveria influir no resultado produtivo das tarefas a serem desempenhadas.

Não é por acaso que a incidência de anorexia é uma ordem de grandeza maior em mulheres do que em homens.

Finalmente, toda e qualquer estética desviante sofre algum grau de rejeição e exclusão imposta pela formolatria. Cirurgias para “corrigir narizes”, aumentar lábios, modificar proporções faciais abundam. Um septo desviado deve ser corrigido para melhorar a respiração da pessoa. Operar um nariz porque ele é maior do que aquele considerado “certo” formolatricamente, no entanto, é mutilatório.

Enquanto a modificação corporal voluntária, motivada por desejos e propostas do indivíduo, é algo em tese positivo, onde podemos marcar a fronteira entre o que é uma

modificação criativa e voluntária e uma a que o indivíduo se submete por coerção social? Entre a pessoa que tingi de várias cores seu cabelo para afirmar sua autonomia estética e a moça morena que fica loira para arrumar namorado, a distância é óbvia. Mas não haveria mais tons de cinza entre estes dois extremos (figs 16 e 17)?



Figura 16 – Os vários tipos de beleza feminina (campanha publicitária da Dove)

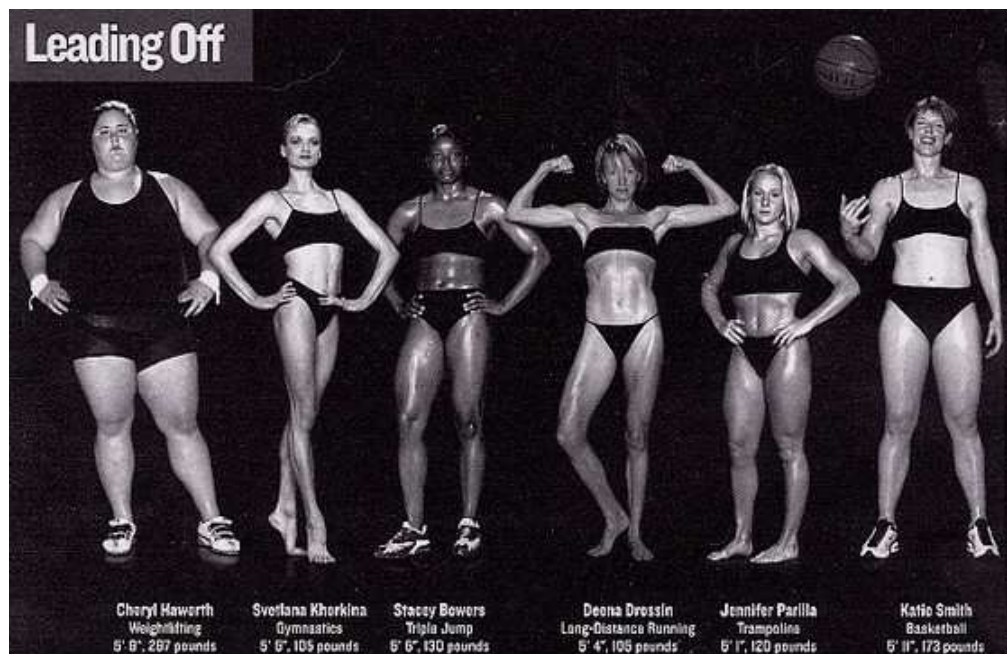


Figura 17 – Os vários tipos de beleza feminina (cada uma destas mulheres é uma das melhores do mundo em sua modalidade esportiva)

- *A beleza vem em todas as formas, cores, tamanhos e idade. Todas são igualmente belas.*
- *Todo mundo tem sexualidade. Todo adulto é sexy e atraente para alguém. Menosprezar a sensualidade alheia é crueldade e preconceito, portanto, errado.*
- *Criança tem sexualidade de criança. Qualquer adulto que se meta nisso é um pedófilo e, portanto, um monstro merecedor de punição severa*
- *Tolerância e convivência pacífica não é apenas reprimir a própria hostilidade. É se reeducar para ver a beleza onde ela está, ou seja: em todo lugar*
- *Enxergar e valorizar a beleza alheia é obrigação para profissionais da área da saúde e pais. Julgar a beleza de pacientes e alunos é inaceitável para profissionais e crueldade para pais.*

## Formolatria e sexo

Vamos começar pelo mundo dos horrores. Observe as imagens abaixo (fig 18.1, 18.2 e 18.3):

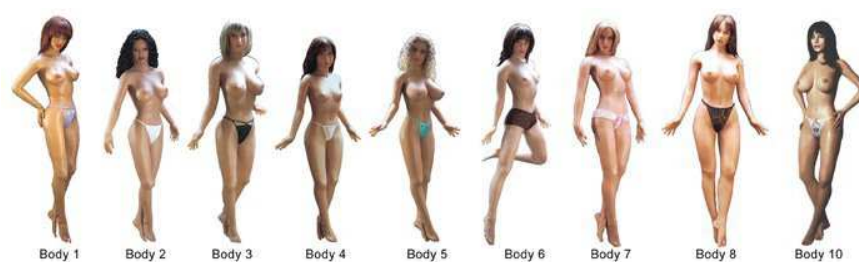


Figura 18.1 – Formolatria e indústria do sexo



Figura 18.2 – Formolatria e indústria do sexo

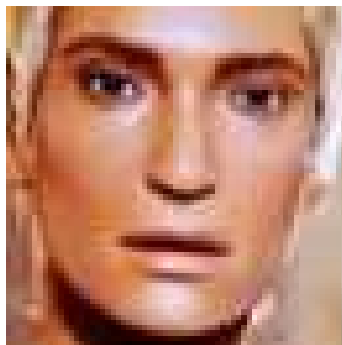


Figura 18.3 – Formolatria e indústria do sexo

Estas imagens são da “real doll”, brinquedos sexuais de silicone aperfeiçoados a um ponto em que se tornam quase indistinguíveis de seres humanos... **mortos**. Isso mesmo, olhe atentamente. O olhar e expressão destes bonecos é quase idêntico ao de cadáveres que morreram de olhos abertos.

A formolatria é necrófila.

A real doll é uma ilustração extrema deste argumento. No entanto, a indústria pornográfica, que hoje é muito menos clandestina do que em outros tempos e de fato dita as regras do comportamento de “garotas de bem” e até mesmo, em grande parte, da indústria do fitness, é a faceta mais desumanizante da formolatria.

A prostituta “padrão” é uma caricatura de mulher. Possui seios bem grandes, bunda grande (mesmo que às custas de intervenções cirúrgicas, assim como os seios), maquiagem pesada, preferencialmente loiras descoloridas, saltos altíssimos, lábios carnudos enfatizados pelo batom. A prostituta é a prestadora de serviço que mais precisamente fornece a afirmação da ordem de dominação patriarcal. Por um determinado valor, que permanece em suspenso durante a prestação de serviço, o homem vive a fantasia de poder absoluto na relação sexual com a mulher (ou com quem quer que esteja “possuindo”, literalmente).

Entre estes extremos e o “mundo real”, existe a opressão estética de toda mulher. Se ela não tiver bunda grande, cintura, seios fartos, ela acredita que suas chances de satisfazer um homem, e, portanto, ser satisfeita por ele na cama, são substancialmente reduzidas. E por que ela acredita isso? Porque a indústria da beleza a persuadiu.

## **Formolatria, seus filhos e outras crianças: o que fazer**

As vítimas mais vulneráveis da formolatria são, naturalmente, as crianças, como já vimos. Como protegê-las? Não caia na armadilha conservadora de reprimir seu vestuário: seria o mesmo que impedir as garotas de usar mini-saia para “não atrair estupradores”. Estupradores devem ser punidos violentamente, quer a moça esteja usando burka ou mini-saia e top. Ou nua, não importa. Nada justifica a violência sexual.

No entanto, a proteção que nossas crianças merecem da formolatria diz respeito à sua saúde física e psicológica. Crianças têm o direito de viver sua infância na plenitude. Devem saber que são belas como são, e não como miniaturas de adultos ou “proto-adultos”.

Além disso, é somente educando as crianças de hoje dentro de um paradigma esteticamente inclusivo que conseguiremos resistir minimamente à poderosíssima formolatria.

## **Formolatria, seus pacientes e alunos: medicina e educação física**

Seus pacientes e alunos são as pessoas vitimadas desde que nasceram pelo imperativo da formolatria. Se você é médico, podem chegar a você patologicamente vitimados por ela, seja porque são anoréxicas ou porque, na obsessão pela desumana forma

inatingível, tenham usado substâncias tóxicas ou se submetido a procedimentos mutilantes ou, de alguma outra forma, danosos à saúde.

Tenha em mente que você não estará apenas tratando glândulas ou órgãos danificados. Ali, na sua frente, há um ser humano danificado por um discurso de propaganda tão mais poderoso do que as frágeis ferramentas que seu paciente tem, que não se pode cobrar dele resistência. Seu papel é oferecer algum instrumento para que, depois de resolvida a emergência clínica, ele possa se empoderar minimamente e não ser tão vitimado quanto antes.

Se você é professor de educação física ou treinador, você tem uma chance inédita de ciceronear seu aluno no universo da inclusão estética, começando por ele mesmo. A suspensão do seu julgamento, a sua neutralidade normativa e sua aceitação estética é a bússola que ele deve seguir para achar sua serenidade e aceitação de si mesmo.

Você, acima de qualquer outra pessoa, tem o poder de desconstruir aquilo que danificou e deformou a percepção estética de seu aluno.

Antes de mais nada, para perceber um corpo como belo, é preciso de re-apropriar dele. Só é possível se re-apropriar do corpo através do movimento. Seu aluno precisa re-aprender a se movimentar como é da natureza humana fazê-lo, de maneira integrada. É bem possível que ele chegue até você vindo das tradições de “treino de açougue”, aquele que reparte o corpo em partes e treina uma por dia.

É preciso que ele desaprenda o padrão assassino do açougue (açougue vende carne morta, lembre-se). Ninguém treina “braço” ou “perna”. Treina-se corpo.

Existem infinitas opções legais para se treinar de maneira integrada. Eu sou uma atleta, amante e professora de levantamento de peso. Mas as ferramentas para re-apropriação do corpo através do movimento, codificadas e com excelentes mestres, abundam. Existe a dança em suas inúmeras manifestações, os vários outros esportes além de práticas corporais variadíssimas como o tai-chi-chuan, a yoga, a capoeira, entre tantas outras.

## **Formolatria e você**

Finalmente, se você não está lendo este ebook por ser a vítima primária da formolatria, mesmo assim você o é. Ainda que você seja um médico de extremo senso crítico, um educador físico revolucionário, um dançarino de vanguarda, você, assim como eu, é vítima secundária e primária da formolatria.

Todos somos vítimas secundárias. Afinal, nenhum de nós, por definição, se conforma ao tipo ideal disseminado por ela. Mas cada um de nós, por mais crítico que seja, tem seus momentos de angústia com seu próprio corpo, quase todos derivados desta ilusão

que combatemos: a separação de nossa forma e exibição da mesma numa cuba de autópsia para nos torturar.

Termino este ebook, então, com a piada do dragão e seu pai:

- papai, o que é um dragão?

- o dragão, meu filho, é uma ficção da sua imaginação

E então “puff...”, ambos desapareceram.

A forma ideal, querido leitor, é uma ficção. Apenas uma idéia inventada para lhe controlar. Se você não deixar, ela não pode machucar nem você, nem seus filhos, alunos ou pacientes.

Diga isso para ela e ela desaparecerá.

## **Leia mais**

Jennifer L. Pozner. Top Model's Beautiful Corpses: the Nexus of Reality TV Misogyny and Ad Industry Ideology. Posted: March 27, 2007 01:11 AM - [http://www.huffingtonpost.com/jennifer-l-pozner/top-models-beautiful-corp\\_b\\_44331.html](http://www.huffingtonpost.com/jennifer-l-pozner/top-models-beautiful-corp_b_44331.html) (consultado pela última vez em fevereiro de 2013)

Coutinho, M. Estética e Saúde: a linha tênue entre saúde e beleza. Editora Phorte, São Paulo, 2011.

The body project - <http://thebodyproject.bradley.edu/industires/index.shtml> (consultado pela última vez em fevereiro de 2013)

Harrison, K., & Cantor, J. (1997). The relationship between media consumption and eating disorders. *Journal of Communication*, 47, 40-67

Physically nude, emotionally naked. May 2, 2008 | 11:48 am. Booster Shots, ODDITIES, MUSINGS AND NEWS FROM THE HEALTH WORLD [http://latimesblogs.latimes.com/booster\\_shots/2008/05/physically-nude.html](http://latimesblogs.latimes.com/booster_shots/2008/05/physically-nude.html) (consultado pela última vez em fevereiro de 2013)

Kanazawa, S. (2008) All stereotypes are true, except... II: "Beauty is in the eye of the beholder". Is beauty in the eye of the beholder? April 27, 2008 by Satoshi in The Scientific Fundamentalist. <http://www.psychologytoday.com/blog/the-scientific-fundamentalist/200804/all-stereotypes-are-true-except-ii-beauty-is-in-the-eye-th> (consultado pela última vez em fevereiro de 2013)

Black Isn't Beautiful Claims Evolutionary Psychologist.  
<http://broadblogs.com/2011/06/06/black-isn%E2%80%99t-beautiful-claims-evolutionary-psychologist/> (consultado pela última vez em fevereiro de 2013)

Collins, M.E. (1991). Body figure perceptions and preferences among pre-adolescent children. *International Journal of Eating Disorders*, 199-208.

Mellin, L., McNutt, S., Hu, Y., Schreiber, G.B., Crawford, P., & Obarzanek, E. (1991). A longitudinal study of the dietary practices of black and white girls 9 and 10 years old at enrollment: The NHLBI growth and health study. *Journal of Adolescent Health*, 23-37.